



FLORINHAS DO MÊS DE JANEIRO

Primeira Florinha

**Padre Raimundo dos
Anjos Beirão**

**Pescador de almas para
o Reino**

Encantadora é a grande
paixão do Padre
Raimundo pela
expansão do Reino.

Entre muitos afazeres,
gastava a maior parte do
seu tempo pregando e
dirigindo as almas para
Deus. Tinha um
profundo amor pelas
vocações e trabalhava
para que a Messe
não se perdesse por falta
de operários.

Por isso, nunca perdia
uma oportunidade para
atrair corações
generosos, dispostos a
colocar-se totalmente ao
serviço do Senhor

O Padre Raimundo encarregava-se de encaminhar jovens vocacionados para o Colégio Português de Roma, fundado nessa época para a formação dos candidatos ao sacerdócio.

Numa das suas viagens missionárias foram-lhe apresentados três jovens, acompanhados pelo João Leitão, homem bom e piedoso. Todos ansiavam em ser padres. Olhando para eles e, refletindo, orientou os três jovens para irem para o seminário e disse ao senhor João Leitão, que já era de idade, que se quisesse podia ir com ele para Lisboa para ser seu ajudante nas missas e para prestar serviços necessários no convento das suas religiosas. João Leitão, tão humilde, simples e santo, aceitou a proposta e serviu a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, até a morte, de forma desinteressada. Nunca aceitou nem sequer um salário (uma remuneração das Irmãs). Era considerado membro da família e todos o tratavam com muito respeito por 'Irmão João'.

O Padre Beirão, nosso Padrinho, como carinhosamente o tratavam as nossas primeiras Irmãs, buscava e amparava os candidatos ao sacerdócio e, de igual modo, se dedicava, empenhadamente, com a pastoral vocacional. O Irmão João Leitão era o encarregado de ir buscar as candidatas nos diversos lugares onde moravam, e levava-as a Lisboa conforme as recomendações do Padre Beirão, priorizando as mais honestas e de famílias honradas.

Que o Padre Beirão nos ensine a sermos dedicados na pastoral vocacional, a todos os níveis, tanto pelo exemplo de vida, como pela palavra de estímulo e encorajamento aos mais jovens que se aproximam de nós, desejosos de abraçar a vida religiosa ou sacerdotal. Que tenhamos sempre em mente esta nobre e bela responsabilidade que assumimos pela profissão, de fazer com que o Carisma Franciscano Hospitaleiro se perpetue no mundo e no tempo.

FLORINHAS DO MÊS DE JANEIRO

Segunda Florinha

Ir. Júlia Matai Noengo
(Ir. M^a Júlia do Rosário)

Esta florinha nasceu, cresceu e deu frutos, nos jardins da Província de São Francisco de Assis, Moçambique. A primeira Irmã moçambicana que, ainda muito jovem, tocada pelo Senhor da Messe, ousou encantar-se pela vida e exemplo das nossas Irmãs da missão de Manica. Fez parte do primeiro grupo de Irmãs Auxiliares moçambicanas que entrou em 1951 e, sob as orientações canônicas da época. Passou por várias obras e fraternidades em Quelimane, Gurué e Nampula, no serviço da cozinha, machamba (horta), catequese, distribuição da comunhão ao domicílio, e nos hospitais.

Irmã Júlia, filha de uma família humilde, simples e rica em valores humanos e cristãos. Aprendeu desde o berço a ser humilde, simples, serviçal, paciente, sacrificada. Mantinha sempre o seu rosto sereno e sorriso nos lábios. Fazer a vontade de Deus era a sua grande alegria e, assim, contagiava as mais jovens. À medida que foi crescendo foi percebendo que *uma alma consagrada deve aceitar tudo como vindo das mãos de Deus*.

Era uma alma de oração e tão silenciosa que, com facilidade, via a necessidade das pessoas. Ao entardecer da sua vida, apesar de estar já curvada e cansada, não deixava faltar o alimento às meninas e crianças internas. Quando se apercebia que em casa não havia nada para o lanche das meninas, inventava qualquer coisa para confortar estes anjinhos, tal como fazem as mães em “tempos de fome. Era conselheira e amiga de todos e sabia animar as jovens religiosas que passassem pelas fraternidades por onde trabalhou, incentivando-as a serem perseverantes na vida FRANCISCANA HOSPITALEIRA, a superarem as contrariedades e a confiarem em Deus. Pelas ruas da cidade de Quelimane, a Vovó Júlia, assim chamada, levava, ardorosamente, a comunhão aos doentes, com palavras de consolação e de esperança. Nesta terra de muito calor, levava consigo ao ombro uma toalhinha branca para enxugar o suor que lhe caía pelo rosto enquanto caminhava a pé pelos bairros da cidade.

A sua vida foi sempre uma promoção vocacional junto das mais jovens que a viam com um sorriso nos lábios, apesar da dureza da vida. Espelhava uma grande felicidade e alegria por se gastar ao serviço do Senhor e do próximo. Aprendeu esta grande lição dos Nossos Fundadores.

Cf. Crônicas da Delegação de São Francisco de Assis, 1922-1975, pela Irmã Laurinda Resende, 2001, pp. 15 a 16.

